

Em Deuteronômio 18, Deus proibiu de se evocar os mortos?

“Deus não é Deus de mortos, mas de vivos, pois todos vivem para Ele”. (Lc 20,38).

Introdução

Entre os opositores do Espiritismo o difícil é encontrar um que não cite a já surrada alegação de que a evocação ou consulta aos mortos é algo proibido por Deus. Aliás, alguns chegam ao disparate de declarar que a proibição está em “toda” a Bíblia, quando, a bem da verdade, encontramos só uma única passagem, para sermos bem redundantes, em que ela supostamente existe. Ela se encontra no livro Deuteronômio, atribuído a Moisés, cujo teor é:

“Quando entrares na terra que o Senhor, teu Deus te der, não aprenderás a fazer conforme as abominações daqueles povos. Não se achará entre ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador, nem necromante, nem mágico, nem quem consulte os mortos; pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao Senhor; [...]” (Dt 18,9-12)⁽¹⁾.

Confessamos que até hoje não conseguimos entender bem essa história, pois parece-nos muitíssimo estranho que Deus tenha criado uma só lei natural que viesse a lhe causar abominação, ou seja, repulsa ou aversão a ela. Sim, porque, se os mortos se comunicam, é pelo óbvio motivo de Deus ter criado uma lei para que o intercâmbio entre os dois planos de vida pudesse acontecer, pormenor que a grande maioria dos crentes não se dá conta.

Por outro lado, os que dizem seguir, fielmente, as Escrituras, sejam eles de qualquer denominação religiosa, quando afirmam que os mortos não se comunicam, caem em contradição, uma vez que, por força da lógica, teriam também que admitir, para justificar o que pensam, que Deus tenha proibido algo que não acontece em circunstância alguma; portanto, a própria proibição bíblica, na qual se apoiam, é prova incontestável de que os mortos se comunicam, sob pena de se ter que aceitar que Deus criou algo errado ou que, posteriormente, não tenha gostado e por isso teve que proibir.

1 Usamos aqui a versão da Bíblia Sheed, ed. Vida Nova e SBB, todas outras citações bíblicas serão da Bíblia Sagrada – Edição Pastoral, ed. Paulus.

Desse modo, podemos então ver que a proibição não se ligava ao fato em si, mas ao motivo pelo qual a faziam; caso não seja, resta-nos ventilar mais outros dois motivos: ou é uma proibição de Moisés ou é uma coisa que nada tem a ver com o que pensam dela. Vamos analisá-los, um pouco mais à frente, pela ordem inversa, ou seja, do último para o primeiro.

O sério problema das traduções bíblicas

As traduções bíblicas são tão divergentes que se torna um grave problema para se descobrir a verdade, porquanto, deixa a maioria de nós, os estudiosos, completamente perdidos em saber o que, na realidade, se estava proibindo, pois alguns tradutores contaminaram os textos bíblicos com opiniões pessoais ou com dogmas de sua igreja; fora, a questão, aliás, natural, de divergência no entendimento de cada um deles.

Listaremos as Bíblias que temos em nossas mãos, ou seja, fazem parte de nosso acerto particular, para mostrar as “traduções” do versículo 11 do Deuteronômio, o que dará uma boa ideia da bagunça que fizeram:

- a) **Bíblia de Jerusalém:** “ou que pratique encantamentos, que **interrogue espíritos ou adivinhos**, ou ainda que invoque os mortos;”
- b) **Bíblia – Ed. Ave-Maria:** “à *magia*, ao **Espiritismo**, à *adivinhação* ou à *evocação dos mortos*;”
- c) **Bíblia – Ed. Vozes:** *nem que se dê à magia, consulte **médiuns**, interroque espíritos ou evoque os mortos.*”
- d) **Bíblia – Ed. SBB:** “*nem encantador de encantamentos, nem quem **consulte um espírito adivinhante**, nem mágico, nem quem consulte os mortos*;”
- e) **Bíblia Shedd:** “*nem encantador, **nem necromante**, nem mágico, nem quem consulte os mortos*:”
- f) **Bíblia – SBTB:** “*nem encantador, nem quem **consulte a um espírito adivinhador**, nem mágico, nem quem consulte os mortos*;”
- g) **Bíblia – Ed. Mundo Cristão:** “*nem encantador, **nem necromante**, nem mágico, nem quem consulte os mortos*;”
- h) **Bíblia – Ed. Paulinas (1957):** “*nem quem seja encantador, nem quem*

consulte os pitões ou adivinhos, ou indague dos mortos a verdade."

i) **Bíblia – Ed. Paulinas (1977 e 1980)**: "nem quem seja encantador, nem quem **consulte os nigromantes**, ou adivinhos, ou indique dos mortos a verdade;"

j) **Bíblia – Ed. Santuário**: "ao feiticismo, ao **espiritismo**, aos sortilégios ou à evocação dos mortos."

k) **Bíblia – Ed. Barsa**: "ou encantador, nem quem **consulte Piton** ou adivinhos, nem quem indague dos mortos a verdade."

l) **Trad. Novo Mundo**: "ou alguém que prenda outros com encantamento, ou alguém que vá consultar um **médium espírita**, ou um prognosticador profissional de eventos, ou alguém que consulte os mortos."

m) **Bíblia do Peregrino**: "nem feiticeiros, nem encantadores, nem **espiritistas**, nem adivinhos, nem necromantes."

Algo que é preciso esclarecer, para que você leitor fique bem informado, é que as palavras "Espiritismo", "Espiritistas", "Médiuns" e "Médium espírita", que aparecem nessas traduções, sempre reputadas como totalmente "fiéis aos originais da Bíblia", em substituição à palavra necromancia, sequer existiam naquela época. Isso só aconteceu por vergonhosa adulteração dos textos bíblicos, porquanto estes termos são neologismos criados por Kardec, quando da publicação da obra *O Livro dos Espíritos*, fato que ocorreu em 18.04.1857. Acreditamos que, além disso, estes termos não devem existir em aramaico, hebraico e grego, línguas em que foram escritos os textos bíblicos.

Mas, vamos apimentar mais um pouquinho. Consultando a Internet⁽²⁾, para ver como esse versículo consta da **Vulgata**, encontramos:

"nec incantator, nec qui pythones consulat nec divinos, aut quaerat a mortuis veritatem;"

Tradução⁽³⁾: "Nem encantador, nem que **consulte serpentes ou adivinhos**, ou busque a verdade, através dos mortos".

E aí, caro leitor, não vamos nos dirigir a quem ou a quê??? Particularmente, arriscamos a dizer que se tratava mesmo é da necromancia, nada mais que isso. E

2 <http://www.bibliacatolica.com.br/09/5/18.php>, acesso em 26.09.2009, às 15:35hs.

3 Tradutor: Pedro Bezerra de Araújo (paieutica@ig.com.br), em 29.09.2009.

necromancia, segundo dicionário bíblico, significa: “meio de adivinhação interrogando um morto”(4). Era praticada pelos babilônicos, pelos egípcios, pelos gregos e pelos cananeus, povos estes que, como todos sabemos, os hebreus tiveram contato e por isso absorveram algumas coisas de suas culturas, como é, e sempre foi, perfeitamente natural nas relações entre os agrupamentos sociais da humanidade terrena.

É oportuno transcrevemos o teor constante da obra *O Céu e o Inferno*, que julgamos tratar-se da tradução de Le Maître de Sacy, uma vez que foi ela que Kardec tomou para colocar os textos bíblicos em *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (5): “que consulte os que têm o Espírito de Piton e se propõem adivinhar, interrogando os mortos para saber a verdade”. (6). Essa versão de Sacy confirma que a proibição teve mesmo como objetivo a consulta aos mortos somente para fins de adivinhação e não as consultas aos desencarnados de forma indiscriminada como querem, algumas vezes, fazer crer os dogmáticos.

A proibição

Na análise desses pontos, vejamos o que poderemos deduzir de cada um deles.

1) A proibição se refere a uma outra coisa

No passo em questão, tudo quanto se está proibindo foi resumido no versículo 14, que, por razões óbvias, nunca é citado pelos nossos contraditores, no qual se lê:

“Porque estas nações que háis de possuir ouvem os prognosticadores e os adivinhadores;”

Portanto, a proibição, incontestavelmente, se refere a qualquer prática visando ter o conhecimento de fatos futuros; o que pode muito bem ser confirmado em Levítico:

“Não se dirijam aos necromantes, nem consultem adivinhos, porque eles tornariam vocês impuros. Eu sou Javé, o Deus de vocês” (Lv 19,31).

Assim, cai por terra a proibição de se consultar os mortos, uma vez que, nesses dois passos – Dt 18,14 e Lv 19,31 –, já não mais se fala nela e nos quais se vê claramente que a proibição da utilização do meio ou instrumento (necromante ou adivinho) tem a finalidade apenas de evitar ser atingida a finalidade, no caso, a

4 Dicionário Bíblico Universal, 1997, p. 556.

5 KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, p. 26.

6 KARDEC, A. *O Céu e o Inferno*, p. 156.

especulação do futuro.

A impressão que se tem da frase “*Eu sou Javé, o Deus de vocês*”, no final do versículo, é que a determinação era para evitar que tivessem outros deuses, fato bem provável, porquanto a ideia do Deus único estava, naquela época, sendo imposta a eles por Moisés, seu líder político e também religioso.

Temos, em Dt 18, duas citações específicas em relação aos mortos; a primeira, visa a consulta ao necromante, que era uma pessoa que praticava a necromancia. Ora, a necromancia, é, justamente, a prática de adivinhação através dos mortos; realmente, fazer isso é algo “abominável” mesmo; a segunda, trata-se de quem consultava aos mortos, ou seja, fazia tal coisa diretamente sem utilizar-se de outra pessoa, já que, nesse caso, o próprio consulente passaria a ser o necromante; portanto, não podemos generalizar para todos os casos e situações de evocação dos mortos, pois, em sã consciência, sabemos que não são necessariamente todas elas que estariam relacionadas a ter o conhecimento de fatos futuros; porém, mesmo em casos como este, dependendo da situação e em casos excepcionais, acreditamos não haver impedimento justificável, como por exemplo: salvar uma vida humana; evitar alguma tragédia, etc.

No livro Levítico, vemos as consequências e penalidades estabelecidas por Moisés, aos que desobedeciam essa determinação; é nele que iremos ter a confirmação irrefutável de que se condenava, tão somente, o que consta no versículo citado (Dt 18,14); leiamos:

*“Quem recorrer aos **necromantes e adivinhos**, para se prostituir com eles, eu me voltarei contra esse homem e **o eliminarei** do seu povo.”* (Lv 20,6).

*“O homem ou mulher que pratica **a necromancia ou adivinhação**, é réu de morte. Será **apedrejado**, e o seu sangue cairá sobre ele.”* (Lv 20,27).

Se a consulta aos mortos fosse mesmo algo condenado, como pensam que é, por qual motivo ela não se encontra citada nesses dois passos, em que se estabelece a penalidade para os eventuais infratores? Simples: é porque, na verdade, não estava condenando a consulta aos mortos em si, mas, no máximo, em função da finalidade que se fazia isso, conforme já o dissemos.

Uma outra hipótese, que nos ocorre, seria a possibilidade do Dt 18, não ter previsto essa condenação, e que tenha sido colocada posteriormente por algum líder religioso interessado em controlar mais os seus fiéis. Se tivesse ocorrido isso, o passo seria assim:

“Quando entrares na terra que o Senhor, teu Deus te der, não aprenderás a fazer conforme as abominações daqueles povos. Não se achará entre ti quem faça passar pelo fogo o seu filho ou a sua filha, nem adivinhador, nem prognosticador, nem agoureiro, nem feiticeiro; nem encantador, nem necromante, nem mágico; pois todo aquele que faz tal coisa é abominação ao Senhor; [...]”

E para que fique bem clara a nossa ideia, talvez, para alguns, meio ou toda maluca, explicamos que suprimimos o trecho: *“nem quem consulte os mortos”*. E, diga-se de passagem, é o único passo bíblico que tem isso, embora às vezes digam o contrário.

A possibilidade disso ter acontecido é ainda maior quando percebemos, pelo contexto, que, se já se proibia a necromancia, não havia sentido algum em se proibir também a comunicação com os mortos, pois a necromancia consistia exatamente nesse intercâmbio com o fim de adivinhação, que era o objetivo de toda a proibição em análise.

Outros acontecimentos, com o povo judeu, irão reforçar ainda mais a questão.

Antes da divisão de Israel em dois reinos, Judá – reino do Sul e Israel – reino do Norte, Saul, filho de Cis, foi o primeiro rei de Israel, que reinou de 1.050 a 1.010 a.C.; nesse tempo ele expulsou do país **os necromantes e adivinhos** (1Sm 28,3).

Podemos citar Manassés, 14º rei de Judá, que reinou de 687 a 646 a.C., cujo governo, em termos religiosos, foi um desastre, porque, segundo relatado no livro de Reis, havia imitado as nações pagãs, inclusive, entre as abominações praticadas por ele, consta que *“sacrificou seu filho no fogo; praticou adivinhação e magia, estabelecendo **necromantes e adivinhos**”*. (2Rs 21,1-6).

Pouco tempo depois, Josias, o 16º rei de Judá, reinando de 640 a 609 a.C., colocou a casa em ordem e *“eliminou também **os necromantes, os adivinhos**”* (2Rs 23,24). Nessa mesma época, encontramos o profeta Jeremias, que advertia *“não façam caso de seus profetas e **adivinhos**, intérpretes de sonhos, feiticeiros e magos”* (Jr 27,9), em se referindo à Babilônia.

Desses acontecimentos, nos quais mencionamos três reis dos hebreus, o que se observa é que não há a menor referência à consulta dos mortos, mas somente aos necromantes. Assim, fica cada vez mais claro, pelo menos para nós, que a preocupação de Moisés sempre foi com a adivinhação, nas várias formas que a praticavam.

Mas, se tanto se preocupavam em combater as práticas pagãs, como eles mesmos faziam coisas próprias de povos pagãos, como é o caso, por exemplo, de sacrifícios de animais, conforme Jz 20,26?: *“Então todos os israelitas foram a Betel com o povo, choraram aí sentados diante de Javé. Jejuaram nesse dia até a tarde, **ofereceram a Javé holocaustos e sacrifícios de comunhão**, e depois consultaram a Javé...”*. Ademais, nas suas leis ritualísticas, previam-se vários tipos de sacrifícios de animais.

2) A proibição é de Moisés, não de Deus

Sabemos que, junto com as leis divinas, Moisés instituiu muitas outras de caráter social e as relativas à organização das práticas religiosas de seu povo. Uma boa amostra disso é a que manda os pais levarem à porta da cidade o filho rebelde para ser apedrejado até a morte (Dt 21,18-21); fora outras situações em que ele estabeleceu a pena de morte, contrariando, assim, o *“Não matarás”* (Ex 20,13; Dt 5,17); era, seguramente, legislação que visava regular as relações sociais, modificadas no decorrer do tempo; não por mudança de Deus, mas por mudança do entendimento do próprio homem; tanto é, que hoje não mais se aplicam tais leis, pois só o que vem do homem é transitório e, portanto, no caso dessas leis, não provém de Deus.

Uma coisa interessante que aqui vale mencionar é que os que exigem que cumpramos o Dt 18,9-12, quanto à comunicação com os mortos, não fazem a mínima questão de cumprir o Dt 21,18-21, que manda apedrejar o filho rebelde, num flagrante *“dois pesos, duas medidas”*. Haja incoerência (ou hipocrisia?)!

Um detalhe importante, que nos dá a absoluta certeza de que a legislação divina era somente a dos dez mandamentos, e chamamos a atenção para o fato de que neles não consta a proibição de consultar os mortos, é quando vemos Moisés colocando somente dentro da Arca da Aliança as duas tábuas de pedra que os continham (Dt 10,5). Ora, esse receptáculo (Arca) foi feito exclusivamente para nele se colocar a lei emanada de Deus, seguindo Sua determinação direta. Assim, ao colocar apenas as duas tábuas dentro da arca, o próprio Moisés reconhece que a única lei provinda de Deus é a que nelas está contida, isto é, a dos Dez Mandamentos, pois as demais, impostas por Moisés, foram por ele colocadas fora da Arca (Dt 31,26), numa evidente demonstração da superioridade da primeira, em relação às demais, já que nem ele próprio ousou guardar estas dentro da Arca, consciente de que não provinham mesmo de Deus; além da obediência à determinação de Deus, que é em relação à lei Dele emanada. Entretanto, para fazer cumprir as demais leis não tinha

outra opção senão a de dizer que fora Deus quem o ordenara a implantá-las, atitude que compreendemos, dada a singularidade da época e da cultura do povo hebreu, que só não oferecia resistência àquilo que considerava de origem divina.

Quando se diz que irão ser eliminados os necromantes e adivinhos (Lv 20,6) ou apedrejados os que praticam a necromancia (Lv 20,27), conforme já citamos, podemos, por isso, também ter a confirmação de não se tratar mesmo de lei divina, uma vez que é inadmissível Deus contrariar Sua própria determinação – *Não matarás* (Ex 20,13; Dt 5,17), pois não O podemos ver agindo da forma “faça o que eu digo, mas não o que faço”, como fazemos nós, criaturas imperfeitas.

Outro fator que nos vem em reforço é que, se essa determinação fosse mesmo de procedência divina, como os Dez Mandamentos são considerados, não teriam a coragem de adulterá-la. Como isso??? Explicamos: é que, conforme já vimos, em algumas traduções bíblicas encontramos, no lugar da palavra necromante, as palavras: **Espiritismo, espiritistas, médiuns e médiuns espíritas**, que só aparecem em dicionários, após abril de 1857; portanto, são termos que não poderiam constar de nenhum texto bíblico, a não ser por deliberada e intencional adulteração, objetivando, lamentavelmente, atingir a crença dos espíritas.

3) A proibição tem um motivo

Eis uma boa pergunta: por qual motivo Moisés proibiu ao povo de consultar os mortos? Sugerimos a hipótese dele querer ter o controle dessa prática, porquanto o povo, não sabendo separar as coisas, tinha os espíritos como deuses. E sendo o seu objetivo a implantação da ideia de um Deus único, não poderia permitir qualquer tipo de concorrência.

No princípio, somente Moisés consultava a Deus, razão pela qual todos que queriam algo neste sentido se dirigiam a ele (Ex 33,7-11); porém, mais tarde, atribuiu essa tarefa aos sacerdotes.

Não tivemos como saber, pelos textos bíblicos, a forma pela qual Moisés consultava a Deus; porém, quanto aos sacerdotes, isso nos ficou claro.

Sobre as consultas a Deus

O “direito” de consultar a Deus cabia aos sacerdotes que, entre seu vestuário ritualístico, possuía um faixa denominada de peitoral do julgamento ou do juízo; era uma peça dobrada pelo meio, formando uma espécie de sacolinha, na qual se guardavam as duas pedras sagradas: urim e tumim (Ex 28,30), chamadas ainda de

"sortes da verdade" (Eclo 45,6); era com elas que eles, os sacerdotes, faziam as suas consultas à divindade. Exemplificamos com esta passagem:

*"Então Josué se apresentará ao **sacerdote Eleazar, que consultará Javé por ele, tirando a sorte por meio do urim.** Toda a comunidade, tanto Josué como os filhos de Israel, agirá conforme o oráculo."* (Nm 27,21).

Esse ofício provavelmente também era praticado pelos profetas (2Rs 3,10-12). E lemos em 1 Samuel sobre eles que:

*"Em Israel, antigamente, **quando alguém ia consultar a Deus,** costumava dizer: '**Vamos ao vidente**'. Porque, em lugar de 'profeta', como se diz hoje, dizia-se 'vidente'."* (1Sm 9,9).

Se fossemos atualizar a palavra profeta, como se fez no passo, diríamos algo assim: antigamente quando iam consultar aos espíritos, dizia-se: vamos ao vidente; hoje já dizem: vamos ao médium.

Entretanto, cabe-nos informar que, por coisas mais bobas, iam à procura do vidente para que as resolvesse, como é o caso de Saul, indo ao profeta Samuel para que ele pudesse dizer onde poderia encontrar as jumentas pertencentes a Cis, seu pai, que haviam se extraviado, conforme narrado em 1Sm 9,3-5.

Assim, vemos que as consultas a Deus eram feitas como um autêntico "cara ou coroa", pois, de acordo com a forma pela qual caíam essas pedras, urim e tumim, depois de lançadas, seria para eles a resposta de um sim ou um não. Achamos isso interessante e ficamos a comparar os fatos e pensamos se não seria esse o tipo de atitude que deveria ser objeto da proibição e não o diálogo com os mortos.

Possibilidades de Isaías estar falando de consultas aos mortos

Há uma passagem que causa a maior confusão; dela, inclusive, tiram, por mais incoerente que seja, mais uma condenação à comunicação com os mortos. Vejamo-la:

"Quando disserem a vocês: 'Consultem os espíritos e adivinhos, que sussurram e murmuram fórmulas; por acaso, um povo não deve consultar seus deuses e consultar os mortos em favor dos vivos?', comparem com a instrução e o atestado: se o que disserem não estiver de acordo com o que aí está, então não haverá aurora para eles." (Is 8,19-20).

Fazemos questão de trazer uma explicação constante na Bíblia Sagrada edição

Barsa:

v. 19. Reprova Deus aqui claramente toda e qualquer consulta aos mortos quer através de adivinhos quer de médiuns quer de qualquer outra superstição. **Esta reprovação, várias vezes repetidas no A.T., foi ratificada no N.T.** (Bíblia Barsa, p. 581, grifo nosso).

Reprovação????!!! Somente quando se quer deturpar o sentido do enunciado. Aqui o que se diz sobre não haver aurora é pelo fato de não dizerem daquela maneira, e não pelo fato de consultarem os espíritos; presumimos que se está falando dos mortos.

Nessa questão de interpretação bíblica chega-se, muitas vezes, às raias do ridículo; leiamos:

*“Disse-me o Senhor: Vai outra vez, **ama uma mulher, amada de seu amigo, e adúltera**, como o Senhor ama os filhos de Israel, embora eles se desviem para outros deuses, e amem passas de uvas.”* (Os 3,1).

Um pastor, justificando ter mantido relações sexuais com uma mulher casada, usou dessa passagem, onde ele leu: “Vai outra vez, ama uma mulher, amada de seu amigo, e ADULTERA como o Senhor...” (7). O pobre pastor interpretou “adúltera” como se fosse uma ordem de adular e, literalmente, partiu para cima da mulher de seu amigo, corno consentido. Não é diferente o que vemos por aí em termos de “interpretação” bíblica.

E mais: a afirmação de que “esta reprovação, várias vezes repetidas no A.T, foi ratificada no N.T”, é puro delírio do tradutor autor da nota; isso só existe na cabeça de fundamentalista; é uma pena que não tenha tido a capacidade de citar os passos onde se apoiou para dizer isso, porquanto, iríamos analisá-los um a um.

Se Isaías estava certo de que iram questionar se não poderiam “consultar os mortos a favor dos vivos”, é porque tais práticas existiam à sua época; portanto, mais uma prova bíblica de que isso fazia parte do costume dos hebreus. E se, como disse Isaías, os egípcios invocavam os mortos (Is 19,3), esse fato é mais uma forte razão para aceitarmos que os hebreus também faziam isso, pois é pura ingenuidade pensar que um povo subjugado a outro, no território deste, por 430 anos (Ex 12,40), sairia dessa situação com sua cultura totalmente ileso da influência cultural dos seus dominadores.

7 <http://fantastico.globo.com/Jornalismo/FANT/0,,MUL698096-15605,00.html>, acesso em 28.09.2009, às 20hs.

Na Bíblia Sagrada ed. Ave-Maria o versículo 19 consta "*Consultar os seus deuses*", a respeito do que explicam: "v. 19. *Seus deuses*. Os espíritos dos antepassados" (p. 950), o que prova o que havíamos dito anteriormente sobre considerarem os espíritos como deuses. Em 1Sm 28,14, vemos repetir-se isso, ao constar em algumas traduções "vejo um deus" e não "vejo um espírito", ao se referir ao espírito Samuel que se apresentava a Saul.

Disso fizemos uma ligação com uma outra passagem, onde se poderá, provavelmente, estar falando de algo parecido; leiamos:

*"Consulte as gerações passadas e observe a experiência de nossos antepassados. Nós nascemos ontem e não sabemos nada. Nossos dias são como sombra no chão. Os nossos antepassados, no entanto, **vão instruí-lo e falar a você com palavras tiradas da experiência deles**". (Jó 8,8-10).*

A conclusão que tiramos foi de que: se não tinham livros para saber das experiências dos antepassados, então não havia outra maneira de acontecer o "vão instruí-lo e falar a você" senão o fazendo pessoalmente, ou seja, apresentar-se-iam em espírito para fazerem tal coisa.

Estamos ainda tratando de possibilidades; entretanto, temos algo concreto em que nos apoiar para comprovar que os mortos se comunicam. São dois fatos bem reais narrados na Bíblia, que somente por muito esforço exegético se nega a ocorrência disso.

E os mortos que se comunicaram, conforme os relatos bíblicos

Por mais paradoxal que seja, temos uma mentira na qual consta uma verdade; veja esse passo:

"Saul morreu por ter sido infiel a Javé: não seguiu a ordem de Javé e foi consultar uma mulher que invocava os mortos, em vez de consultar a Javé. Então Javé o entregou à morte e passou o reinado para Davi, filho de Jessé." (1Cr 10,13).

Bom; a mentira é que Saul morreu apenas por não atender as ordens de Deus em massacrar totalmente os amalecitas, e todos os seus pertences; eis, por curiosidade, a absurda ordem:

1Sm 15,2-3: *"Assim diz Javé dos exércitos: Vou pedir contas a Amalec pelo que ele fez contra Israel, cortando-lhe o caminho, quando Israel subia do Egito.*

Agora, vá, ataque, e condene ao extermínio tudo o que pertence a Amalec. Não tenha piedade: mate homens e mulheres, crianças e recém-nascidos, bois e ovelhas, camelos e jumentos."

Saul não cumpriu integralmente isso e, em vez de exterminar, captura a Agag, rei dos amalecitas, além disso poupa o gado gordo e os cordeiros, só abatendo os que não tinham valor. Deus teria se irritado com essa desobediência e prometeu tirar a realeza de Saul e a entregar para outro. Os filisteus, segundo as narrativas bíblicas, foram o instrumento de Deus para tornar realidade essa ameaça.

E, vendo o exército dos filisteus, Saul apavorou-se e querendo saber o que lhe aconteceria nessa guerra, vai à cidade de Endor, onde havia uma necromante, e através dela, consultar-se com o espírito Samuel; eis aqui o fato verdadeiro.

O relato bíblico pode ser visto em 1Sm 28,1-25, com o fato curioso de, no versículo 3, ser dito "Samuel tinha morrido", como que para alertar ao leitor de que o Samuel de quem se falava já não pertencia a este mundo; portanto, que se trata da manifestação de seu espírito. Aliás, esse é um exemplo de um tipo de evocação que não devemos fazer, pois busca apenas interesses mundanos e, ainda, com o fim de adivinhação.

Já vimos várias argumentações querendo descaracterizar esse passo como uma autêntica manifestação de espírito, já que, geralmente, a levam à conta de um demônio, que se fez passar por Samuel, quando o texto do versículo 14 é bem objetivo ao dizer "Saul reconheceu que era realmente Samuel" (Bíblia Sagrada ed. Vozes, p. 330); além disso, nos versículos seguintes (15 e 16) a Bíblia é bem clara ao afirmar que foi Samuel quem dialogava com Saul; ou se vai falar que a Bíblia errou ao dizer que foi Samuel, se ela é inerrante, como os próprios bibliólatras a consideram?... Já em Eclesiástico, livro que consta somente nas Bíblias católicas, se afirma categoricamente que Samuel "*mesmo depois de morto profetizou*" (Eclo 46,20), o que confirma a consulta ao espírito Samuel.

Podemos ainda encontrar uma outra passagem onde a manifestação de espíritos de mortos é evidente; citaremos, dessa vez, o Novo Testamento, quando se narra o momento em que Jesus, diante das testemunhas Pedro, Tiago e João, conversa com os espíritos Moisés e Elias (Mt 17,1-9; Mc 9,2-3 e Lc 9,28-33). O interessante dela é vermos que, por ironia do destino, a própria pessoa, que havia dito ser isso proibido (Moisés), aparece em espírito a Jesus; e, pelo fato do Mestre Nazareno ter participado desse episódio, concluímos que é porque a comunicação com os mortos nunca foi proibida por Deus. E, por mais que se argumente que Elias foi

arrebatado, mesmo contrariando o “*a carne e o sangue não podem herdar o reino dos céus*” (1Cor 15,50), nada poderá ser alegado quanto a Moisés, já que sua morte é relatada (Dt 34,5-8).

Não precisamos nem alegar que Jesus, depois de morto, conversou com os discípulos, aparecendo-lhes por várias vezes, e numa delas a mais de quinhentos irmãos, conforme Paulo atesta em 1Cor 15,6; ou precisamos???

Uma passagem interessante

Vejamos este passo que relata um acontecimento com Paulo, na cidade de Filipo, na Macedônia:

At 16,16-18: “Estávamos indo para a oração, quando veio ao nosso encontro uma jovem escrava, que estava possuída por um espírito de adivinhação; fazia oráculos e obtinha muito lucro para seus patrões. Ela começou a seguir Paulo e a nós, gritando: ‘Esses homens são servos do Deus Altíssimo e anunciam o caminho da salvação para vocês’. Isso aconteceu durante muitos dias. Por fim, não suportando mais a situação, Paulo voltou-se e disse ao espírito: ‘Eu lhe ordeno em nome de Jesus Cristo: saia dessa mulher!’ E o espírito saiu no mesmo instante. Os patrões da jovem, vendo que tinham perdido a esperança de lucros, agarraram Paulo e Silas e os arrastaram à praça principal, diante dos chefes da cidade. Apresentaram os dois aos magistrados, e disseram: ‘Estes homens estão provocando desordem em nossa cidade; são judeus e pregam costumes que a nós, romanos, não é permitido aceitar nem seguir’. A multidão se amotinou contra Paulo e Silas, e os magistrados rasgaram as vestes deles e mandaram açoitá-los com varas.”

Certamente que esse espírito é o que especificamos como “espírito desencarnado”, que se incumbia de trazer à médium coisas relacionadas ao futuro das pessoas que iam procurá-la; daí ser tratado como “um espírito de adivinhação”.

Por qual razão Paulo “expulsou” tal espírito? Vejamos a resposta dada pelo amigo Dr. João Frazão:

Simplemente porque o espírito a perturbava e a providência de Paulo mandá-lo se afastar dela foi tomada porque o espírito, através da médium, já estava incomodando as atividades de Paulo. **Além disso, é de se notar que a atividade de adivinhação na época do cristianismo nascente já não era mais proibida**; tanto assim, que a moça seguiu Paulo e seus companheiros durante muitos dias, sem que ninguém a acusasse de adivinhadora ou feiticeira; mais: se fosse uma atividade proibida Paulo teria apresentado como sua defesa, apesar de a acusação ter sido amotinamento, que eles estavam sendo acusados disso

por ter afastado um espírito adivinhante da moça, hipótese em que os seus amos passariam de acusadores a acusados pelo crime de manter uma escrava que tinha um espírito adivinhante. E Paulo teria argumentos suficientes para isso, por ser um doutor da lei. Certo?! (LIMA, 2011)

Fantástica a percepção, pois, realmente, se a comunicação com os mortos fosse mesmo proibida, por que motivo Paulo não repreendeu o médium, mas procurou apenas expulsar o espírito, que o incomodava?

Conclusão

Nosso estudo se concentrou na análise de várias passagens bíblicas, buscando elucidar a questão, que ainda causa polêmicas entre os que acreditam e os que não aceitam que os espíritos dos mortos se comunicam. Traremos, agora, uma fala de Kardec sobre o tema.

No ano de 1862 Kardec visitou várias cidades na França para saber como andava o movimento espírita, registrando na obra *Viagem Espírita em 1862*, na qual encontramos “Instruções Particulares dadas aos Grupos em resposta a algumas das questões propostas”. Dessas instruções a de número VIII é a que nos interessa:

Que pensar da proibição imposta por Moisés aos hebreus, no sentido de não se evocarem as almas dos mortos? Que interpretação poderíamos tirar do fato relativamente às evocações atuais?

A primeira consequência a tirar-se dessa proibição é a de que é possível evocar as almas dos mortos e estabelecer relações com elas. **A proibição de se fazer uma determinada coisa implica a possibilidade de fazê-la.** Por exemplo, será necessário decretar-se uma lei proibindo a subida à lua? ⁽⁸⁾

É realmente curioso ver-se os inimigos do Espiritismo reivindicar ao passado o que julgam servir-lhes e repudiarem esse mesmo passado todas as vezes em que ele não lhes convém. **Se invocam a legislação de Moisés para esta circunstância, por que não reclamam a sua aplicação de modo integral? Duvido, entretanto, que algum entre eles esteja tentado a fazer reviver o código mosaico, sobretudo o penal, draconiano, tão pródigo em penas de morte.** Dar-se-á então que, ao entender deles, Moisés procedeu corretamente em certas circunstâncias e erradamente em outras? Mas, nesse caso, por que estaria certo no que concerne às evocações? É que, dizem, Moisés fez leis apropriadas ao seu tempo e ao povo ignorante e indócil que conduzia. Mas, essas leis, salutares naquele tempo, já não se enquadram aos nossos costumes e à nossa cultura. Ora, é precisamente isso que dizemos em relação à proibição de evocar os Espíritos. Entretanto o fato, em sua época, é justificável, como podemos verificar.

Os hebreus, no deserto, lamentavam vivamente a perda das doçuras do Egito e esta foi a causa das revoltas incessantes que Moisés, algumas vezes, não pôde reprimir senão pelo extermínio. Daí a excessiva severidade das leis. Em meio a este estado de coisas, obstinava-se ele em fazer com que seu povo rompesse

8 Viagem à Lua a essa época era inconcebível, entretanto isso ocorreu 1969, ou seja, 107 anos depois.

com os usos e costumes que lhe pudessem recordar o Egito. Ora, uma das práticas que os hebreus conservavam era a das evocações, em uso naquele país desde tempos imemoriais. E isso não é tudo. **Esse uso, que parecia ser bem compreendido e sabiamente praticado na intimidade de pequeno núcleo de iniciados nos mistérios, degenerara em abuso e superstição entre o povo, que nele via apenas uma arte de adivinhação, sem dúvida explorada pelos charlatões como hoje em dia o fazem os ledores da sorte.** O povo hebreu, ignorante e grosseiro, adquirira-o sob esse aspecto abusivo. Proibindo-o, Moisés realizou um ato de boa política e sabedoria. Hoje em dia as coisas já não são as mesmas, e o que podia ser outrora um inconveniente já não o é no estado atual da sociedade. De nossa parte, nós também nos levantamos contra o abuso que se poderia fazer das relações com o além-túmulo e afirmamos ser um sacrilégio, não o fato de estabelecerem-se relações com as almas dos que partiram, mas fazê-lo com leviandade, de maneira irreverente, ou por especulação. **Eis porque o verdadeiro Espiritismo repudia tudo quanto pode roubar a essas relações seu caráter grave e religioso, pois esta seria a verdadeira profanação.** Além disso, **se as almas podem se manifestar, elas o fazem com a permissão de Deus, e não há mal em se fazer o que Deus permite. O mal, nesta como em outras coisas, está no abuso e no mau uso.** Allan Kardec. (KARDEC, 2000d, p. 101-102, grifo nosso).

“Se as almas podem se manifestar, elas o fazem com a permissão de Deus”,
lógica irrefutável.

E aqui algumas das determinações que não se aplicam nos dias de hoje:

Ex 21,12: “*Quem ferir a outro de modo que este morra, também **será morto***”.

Ex 21,17: “*Quem amaldiçoar a seu pai ou a sua mãe, **será morto***”.

Ex 31,14: “[...] **guardareis o sábado, [...] aquele que o profanar morrerá; [...]**”.

Lv 11,7-8: “[...] **o porco, [...] da sua carne não comereis, nem tocareis no seu cadáver; [...]**”.

Lv 11,21-22: “*Mas de todo o **inseto que voa, [...] deles comereis estes: a locusta [...], o gafanhoto [...], o grilo [...]***”.

Lv 20,13: “*Se também um homem se deitar com outro homem, como se fosse mulher, **ambos serão mortos; [...]***”.

Lv 20,18: “***Se um homem se deitar com a mulher no tempo da enfermidade dela, [...] ambos serão eliminados do meio do seu povo.***”

Dt 21,18-21: “*Se alguém **tiver um filho contumaz e rebelde, [...] pegarão nele seu pai e sua mãe e o levarão aos anciãos da cidade, à sua porta, [...] Então todos os homens da sua cidade o apedrejarão, até que morra; [...]***”.

Dt 23,1: “Aquele a quem forem **trilhados os testículos, ou cortado o membro viril, não entrará na assembleia do Senhor.**”

Dt 25,11-12: “Quando brigarem dois homens, [...] e a **mulher** de um chegar para livrar o marido da mão do que o fere, e [...] o **pegar pelas suas vergonhas, cortar-lhe-ás a mão:** [...].”

Essas são algumas, dentre inúmeras outras, que, atualmente, ninguém faz a mínima questão de cumprir, exatamente porque são leis de época implantadas por Moisés, ao qual também se deve atribuir a relativa à evocação dos mortos.

Se formos pesquisar a quantidade de manifestações ocorridas, em várias partes do mundo, em circunstâncias tais que não deixam a mínima dúvida de que são os espíritos dos nossos mortos que se manifestaram, teríamos um volume extraordinário de casos. Inclusive, em muitos deles não ocorreu nenhum tipo de evocação; foram os próprios espíritos que vieram e, vamos dizer, “evocaram” (chamaram) os vivos (e isso não se pode alegar que é proibido!!!).

Podemos sugerir às pessoas, que buscam a verdade, que tenham em mãos livros, artigos e pesquisas que informam sobre isso; por esse caminho, a certeza virá sem causar nenhum tipo de problema, porquanto terão convicção que isso faz parte das leis naturais criadas por Deus. Alguns casos nós citamos no nosso livro “*Os espíritos comunicam-se na Igreja Católica*”, publicação GEEC, Divinópolis, MG.

Paulo da Silva Neto Sobrinho

Setembro/2009.

(revisado em ago/2016)

Referências bibliográficas:

A Bíblia Anotada, 8ª edição, São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

Bíblia de Jerusalém, nova edição, revista e ampliada, São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia do Peregrino, edição brasileira, São Paulo: Paulus, 2002.

Bíblia Sagrada, 9ª edição, São Paulo: Paulinas, 1957.

Bíblia Sagrada, 3ª edição, São Paulo: Paulinas, 1977.

Bíblia Sagrada, 37ª edição, São Paulo: Paulinas, 1980.

Bíblia Sagrada, 5ª edição, Aparecida-SP: Santuário, 1984.

- Bíblia Sagrada, 68ª edição, São Paulo: Ave Maria, 1989.
- Bíblia Sagrada, 8ª edição, Petrópolis, RJ: Vozes, 1989.
- Bíblia Sagrada, s/ed. São Paulo: SBTB, 1994.
- Bíblia Sagrada, Edição Barsa, s/ed. Rio de Janeiro: Catholic Press, 1965.
- Bíblia Sagrada, Edição Pastoral. 43ª impressão. São Paulo: Paulus, 2001.
- Bíblia Sagrada, Edição Revista e corrigida, Brasília, DF: SBB, 1969.
- Bíblia Shedd, 2ª Edição rev. e atual. no Brasil. São Paulo: Vida Nova; Brasília: SBB, 2005.
- Escrituras Sagradas, Tradução do Novo Mundo das. Cesário Lange, SP: STVBT, 1986.
- KARDEC, A. *O Céu e o Inferno*. Rio de Janeiro: FEB, 1995.
- KARDEC, A. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*. Rio de Janeiro: FEB, 2007c.
- KARDEC, A. *Viagem Espírita em 1862*. Matão, SP: O Clarim, 2000d.
- MONLOUBOU L. e DU BUIT, F. M. *Dicionário Bíblico Universal*. Petrópolis – RJ: Vozes; Aparecida – SP: Santuário, 1997.
- LIMA, J. F. M. Mensagem postada no site <https://saomiguelarcanjo.wordpress.com/quarentena-de-sao-miguel-arcanjo/o-fim-de-chico-xavier/>, acesso em 31.01.2011, às 15:50hs.

Proibições – prognósticos e adivinhação

Bíblia	Lv 19,31	Lv 20,27	Dt 18,14	1Sm 28,3
Protestantes				
Mundo Cristão	Necromantes e adivinhos	Necromantes e feiticeiros	Prognosticadores e adivinhadores	Médiuns e adivinhos
Shedd	Necromantes e adivinhos	Necromantes e feiticeiros	Prognosticadores e adivinhadores	Médiuns e adivinhos
Novo Mundo	Médiuns espíritas e prognosticadores	Espírito mediúnico e espírito de predição	Praticam magia e os que adivinham	Médiuns espíritas e prognosticadores
SBTB	Adivinhadores e encantadores	Necromancia e adivinhação	Prognosticadores e adivinhadores	Adivinhos e encantadores
NTLH	Evocam espíritos e adivinham futuro	Invoca espíritos dos mortos e feitiçaria	Adivinham o futuro e tiram sortes	Médiuns e adivinhos
SBB	Adivinhadores e encantadores	Adivinho e encantador	Prognosticadores e adivinhadores	Adivinhos e encantadores
Católicas				
Paulinas - 1957	Magos e adivinhos	Espírito pitônico e adivinho	Agoureiro e adivinhos	Magos e adivinhos
Paulinas - 1977	Magos e adivinhos	Espírito pitônico e adivinho	Agoureiros e adivinhos	Magos e adivinhos
Paulinas - 1980	Magos e adivinhos	Espírito pitônico e adivinho	Agoureiros e adivinhos	Magos e adivinhos
Barsa	Mágicos e adivinhos	Espírito de píton e adivinho	Agoureiros e adivinhos	Mágicos e adivinhos
TEB	Adivinhação	Adivinhação	Sortilégios e oráculos	Necromancia
Do Peregrino	Necromantes e adivinhos	Necromancia e adivinhação	Astrólogos e adivinhos	Necromantes e adivinhos
Santuário	Evocações e sortilégios	Evocações e sortilégios	Agoureiros e adivinhos	Feiticeiros e adivinhos
Vozes	Médiuns e consulta aos espíritos	Médium ou adivinho	Feiticeiros e adivinhos	Necromantes e adivinhos
Ave-Maria	Espíritas e adivinhos	Evocações e adivinhações	Agoureiros e adivinhos	Necromantes, feiticeiros e adivinhos
De Jerusalém - 1987	Necromantes e adivinhos	Necromantes e adivinhos	Oráculos e adivinhos	Necromantes e adivinhos
De Jerusalém - 2002	Necromantes e adivinhos	Necromantes e adivinhos	Oráculos e adivinhos	Necromantes e adivinhos
Pastoral (Paulus)	Necromantes e adivinhos	Necromancia e adivinhação	Astrólogos e adivinhos	Necromantes e adivinhos
Judaísmo				
Flávio Josefo	xxxxxxxxxxx	xxxxxxxxxxx	xxxxxxxxxxx	Magos , adivinhos e os que predizem o futuro
Torá	Magias e feitiçarias	Magia e feitiçaria	Prognosticadores e agoureiros	xxxxxxxxxxx